

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 660

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ARC. NOC

NÃO TOMES BANHO DEPOIS das REFEIÇÕES

por LEONOR de CAMPOS

ANTONINHO foi para a praia. É tão bom ir para a praia!... Sem receio de sujar ou estragar o vestuário, que a areia é boa companheira de folguedos, braços e pernas expostos ao ar, Antoninho sentia-se feliz, muito feliz!...

Um dia exclamou:

—«Ai!... Que bem se está aqui!... Parece que a minha cabeça e o meu coração e os braços e as pernas e, até, a minha barriginha estão a dizer-me: —Obrigado, amigo António, por me teres trazido para a praia!...»

Só uma coisa o aborrecia: Não poder estar sempre com os pés dentro de água.

«Se a mãe deixasse!...»

Mas ela mantinha-se inflexível.

De manhã, até ao meio-dia, Antoninho molhava-se, molhava os outros, rebolava-se na areia, voltava para a

água... e assim se divertia o mais possível.

Depois do almoço, porém, mudava o caso de figura. Ele bem pedia, suplicava, choramingava:

—«Mãezinha, deixe-me ir molhar os pés. Prometo...»

—«Não por enquanto, não podes...»

E explicava:

—«É perigoso molhar os pés, enquanto se faz a digestão!...»

—«Mas eu já fiz!... Olhe, vê? — E apontava o estômago, encolhendo-o quanto podia: — Aqui já não há nada!...»

—«O menino é pateta. Em vez de dizer tolices, chame os seus amigos e aqui, à sombra da barraca, jogue com eles o prégio ou o ring...»

—«Não me apetece, Mãezinha!... Ai!... Quem me dera ser pato!...»

A mãe não respondia. Daí a pouco Antoninho voltava a suspirar: —«Ai!... Quem me dera ser sardinha!... Não.



Sardinha, não. Antes tubarão, que é mais forte!...»

E assim continuava a lamentar-se, até ao bendito momento em que a mãe dizia:

—«Pronto!... Pode ir molhar os pés!...»

Isto repetia-se quase todos os dias, porque o Antoninho era teimoso, muito teimoso.

Ora, certo dia, a mãe adoeceu e não pôde acompanhá-lo à praia. Mandou em seu lugar a criada, recomendando: —«Maria, só às 3 horas o menino pode molhar os pés. Empréstote o meu relógio, para que possas guiar-te...»

Antoninho, como sempre, estava numa febre:

—«Maria, já posso ir?»

—«Maria, que horas são?»

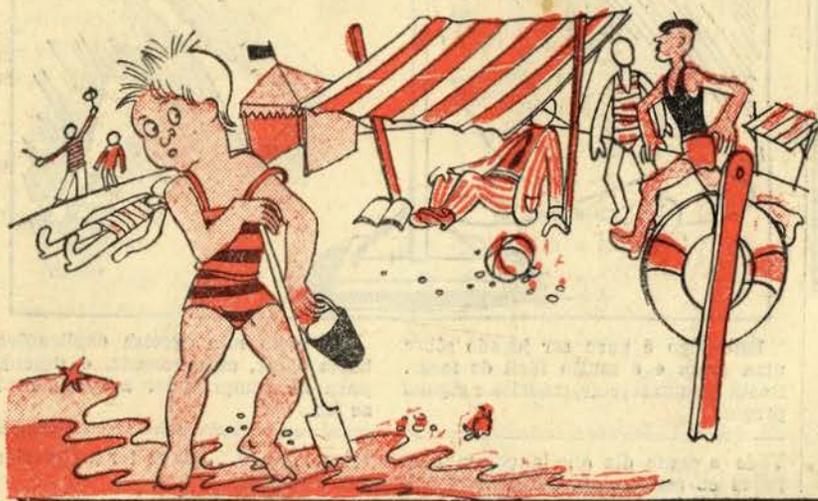
—«Maria, talvez o relógio esteja parado!...»

A rapariga estava enervada. E, a certa altura, aborrecida com a insistência do pequeno, exclamou:

—«Crêdo, menino. Deixe-me!... Se quiser ir molhar os pés, vá e não me mace!...»

O Antoninho não esperou mais. Correu para o mar, enquanto a criada, já arrependida do seu mau-humor, lhe gritava, aflita, que voltasse para a barraca. Em vão. O rapazinho toda a tarde andou dentro de água e só à hora de ir para casa se chegou à criada:

—«Vês? Nada de mal me aconteceu. A Mãezinha é que é muito esquisita!... E agora não vás dizer-lhe que eu mo lhe



os pés antes das 3 horas... Se me acusas, eu digo-lhe que foste tu que mandaste. Já sabes!...»

E a Maria calou-se, tanto mais que também estava convencida de que essas horas de espera depois do almoço eram *esquisitice* da senhora.

No dia seguinte, a mãe continuava doente. A Maria de novo acompanhou o menino: E, como na véspera nada de mal acontecera ao Antoninho, apenas chegado á praia, o pequeno meteu-se na água.

Mas ainda ali não estava há cinco minutos, quando, aflitíssimo, gritou:

— «Acudam!... Acudam, que eu morro!...» E desamparado, caiu na areia molhada.

Em braços o levavam para casa e oito dias esteve entre a vida e a morte.

Só ao cabo desse tempo o médico o considerou livre de perigo.

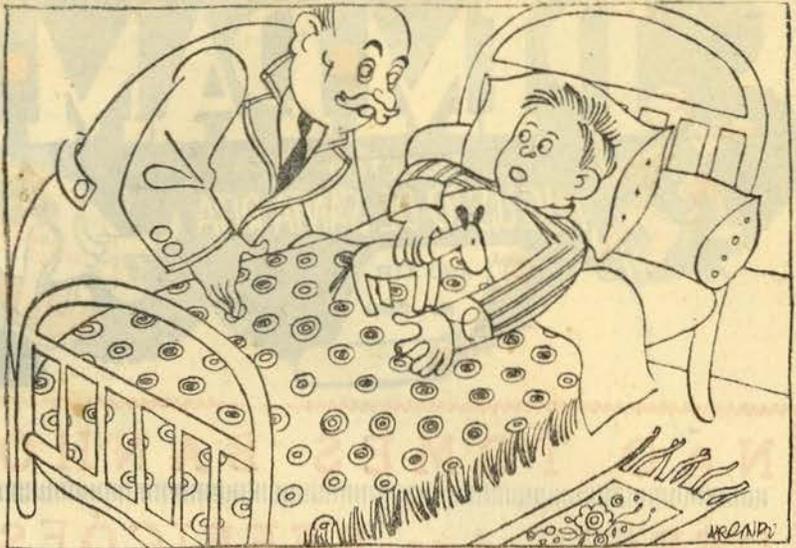
— «Ora até que enfim! — exclamou êle. — Começo a respirar!... Este maroto sempre me pregou um susto!... Oúves, meu rapaz? Podes agradecer a Deus, que escapaste de boa!... E, agora, olha para a tua mãe... A pobre, mal pode suster-se de pé! Durante êstes oito dias quasi não comeu nem dormiu. Vamos!... Dá-lhe um beijo e pede-lhe perdão pela desobediência!...»

Antoninho sufocou um soluço. E, deitando os braços ao pescoço da mãe, nervosamente a beijou, uma, duas, centezes, murmurando:

— «Perdão, perdão, minha Mãezinha querida!... Sou um pateta; um bruto... Mas não torno a desobedecer-lhe, juro...»

O médico sorriu e despediu-se:

— «Adeus, meu rapaz. E... não te esqueças: Logo que estejas bom, vai tomar outra *banhoca* depois de comer. Valeu?!»



— «Nunca mais, senhor doutor — replicou o pequeno. Quando me senti aflito, julguei que morria!... E eu não quero morrer!...»

A rir, o médico perguntou:

— «Não queres morrer? Porquê? Julgas que fazias cá muita falta? Estás

enganado, vaidoso. Nem eu fazia falta, quanto mais tu...»

— «Nesse caso — replicou o Antoninho, garoto —: Morra o Senhor Doutor que é mais velho!...»

— «Ah ingratação!...» — e o médico saiu a rir á gargalhada, com a resposta do Antoninho.

CONCURSOS QUINZENAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Na sua última reunião, o Júri que procede á apreciação das provas para êstes concursos deliberou conceder menções honrosas aos autores das seguintes produções:

POESIA: — «Maria Manuela», «O burro teimoso» e «As árvores» — do menino Rogério da Conceição Serafim Martins e «Lendas da Nazaré» — de José de Oliveira.

CONTO: — «Aventuras dum gato» e Exemplo de Caridade» — de Rosa Amelia Toscano. «O arrependimento» de J. C. Ferreira. «História dum menino honrado» — de Plínio José da Silva. «Antoninho desobedece e sofre as consequências» — de Maria Amelia Vaz Amaral.

ANEDOTA U M J Ô G O

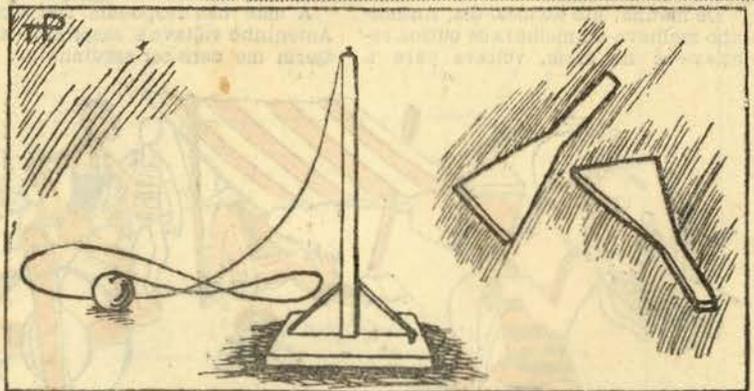


A pequena Rosinha, dirigindo-se a sua tia Clara, que tem perto de 50 anos, pergunta-lhe:

— «É verdade, tia, que é ainda uma solteirona?»

— «Menina, não sejas impertinente! Essas coisas não se perguntam.»

— «Porquê? A tia não tem culpa?»



Este jogo é para ser jogado sobre uma mesa e é muito fácil de fazer. Basta ter um serrote, madeira e alguns pregos.

De resto não precisa explicações; basta olhar, atentamente, o desenho para se compreender a forma como se faz.

Toda a gente diz que lançou mão de todos os meios para evitar ficar sol-

teira... logo... deve ter a consciência tranqüila.

COLABORAÇÃO INFANTIL

O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de apresentar, hoje, aos seus pequeninos leitores um poeta de nove anos de idade, chamado Rogério da Conceição Serafim Martins, que nos enviou os versos abaixo publicados, reveladores de incontestável vocação poética.



AS ARVORES

As árvores amigas
só nos fazem bem.
Como é lindo vê-las
aqui e além!

Só nos fazem bem,
isso é bem verdade;
só prestam serviços
à Humanidade.

Dão-nos sua sombra
p'ra nos refrescar;
dão-nos os seus frutos,
purificam o ar...

Dão-nos sua lenha
que é deveras boa.
Como é lindo vê-las,
ali, em Lisboa.

Portanto, meninos, devem
as árvores não maltratar;
e devem até plantá-las
e com carinho as cuidar.

F

I

M

O BURRO TEIMOSO

O lavrador «Zé» Maria
fa a caminho da eira,
todo contente, pois tinha
comprado um burro na feira.

Quando chegaram à ponte
«Zé» Maria a pé teve de ir,
senão tombavam as tábuas
e ao rio podiam cair.

Desmontou o «Zé» Maria
e, pegando na arriata,
começou puxando o burro
e a dar-lhe com a chibata.

Porém, o burro teimoso
dali não arreda pé,
quando uma idéia genial
surgiu na tóla do «Zé»:



Começa, então, a puxar
pela corda do seu burro
e, contente, vê-o ir,
à desfilada, num zurro.

VÊR NA 5.ª PÁGINA:

O NOSSO CONCURSO
ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



MARIA MANUELA

Eu tenho uma sobrinhinha,
que é tão linda como as rosas:
seus olhos são mui pretinhos,
suas faces são mimosas.

Tem nove meses sómente,
mas já tem quatro dentinhos.
Caíu uma data de vezes...
Tem na testa dois galinhos.

Já gatinha e põe-se em pé
com agilidade rara;
com certeza, quando andar,
em casa é que já não pára.

Caíu, já por duas vezes,
do seu berço e o virou;
mas já mais de duas vezes,
que a farinha não papou.

É pena que às vezes chore
um bocadinho demais
mas, a-pesar disso, é
minha alegria e dos Pais.

Josézinho no Jardim da Estrêla

◆◆◆◆ Por FRANCISCO VENTURA ◆◆◆◆

III

Josézinho, já cansado
De correr em bicicleta,
Pensou lá para consigo
Que já entrara na meta.

Portanto, parou e pôs-se
Muito sério a meditar,
Se iria para o baloicho
Ou para o lago nadar.

Olhou em volta e sentiu
Logo em si grande alegria,
Pois podia realizar
O que há muito pretendia.

E' que em frente, muito perto,
Estava um belo cavalo,
Sem que ninguém o impedisse
De o afagar e montá-lo.

Era garboso e bonito,
Tinha freio que brilhava
Como o de um certo cavalo
Que á sua porta passava.

Corria sem se cansar
Nem achar caminho mau
E inda mais: não dava coices.
(Se êle era feito de paul)



O nosso bom Josézinho,
Sem em mais nada pensar,
Saltou para cima dêle
E isso é que foi cavalgar!

Quando, passado algum tempo,
O seu paizinho o chamou,
Dizendo: — «Vamos embora
Que o dia já terminou»,

Êle exclamou, tôdo cheio
De entusiasmo profundo:
— «Paizinho, eu cá não posso ir...
Ando, agora, a correr mundo.»

IV

Depois de andar no cavalo,
Numa forte animação,
Com ares que até lembrava
O próprio Napoleão;

Depois de se ter julgado
Cavaleiro de outras eras,
Entrando em duros torneios,
Vencendo as guerras mais feras;

Pagem belo e generoso
Dos velhos contos de fadas,
Salvando, entre mil perigos,
Princezinhas encantadas;

Toureiro de grande fama
Em tôda a parte aplaudido,
Pondo as suas bandarilhas
No boi mais fero e atrevido;

Josézinho saciou-se
De tanta cavalaria
E pôs-se, outra vez, pensando
No que mais lhe conviria.

Mas não durou muito tempo
A sua meditação,
Agradou-lhe o balancé
E deitou-lhe logo a mão.

E entre risos e gritinhos,
— Aquilo é que foi brincar! —
O pior é que, de chôfre,
Quiz o balancé deixar.



— «O quê? Já se vai embora?»
— Disseram com voz fagueira. —
E êle, com ar sup'rior,
Respondeu desta maneira:

— «É que o balancé não presta.
Não dá gôsto lá brincar.»
— «Porquê?» «Porque vai a cima
E torna a baixo a voltar.»


fim

QUEM ADIVINHA?...

Solução do número anterior
JÚLIO DINIZ

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, seu verdadeiro nome, nasceu na cidade do Porto em 1888 e notabilizou-se nas letras portuguesas com as seguintes obras: «Morgadinha dos Canaviais» «Uma família inglesa», As pupilas do sr. Reitor», «Os Fidalgos da Casa Mourisca», etc.

UM DESENHO ERRADO

Solução do número anterior
O homem tinha a sombra do lado do sol.

LENDA

FANTÁSTICA

Por Virginia Lopes de Mendonça

ISTO passou-se há muitos, muitos anos. Já havia, no entanto, águas nos rios, aves no ar e peixes no mar. As flores também já levantavam as suas cabecinhas toucadas de várias cores, mas não existiam tantas como agora.

Numa certa manhã, o pescador Florêncio voltou da pesca com as redes carregadas de sardinha.

Vinha radiante na idéia de que trazia ali, naquele fartote de peixe fresco e



prateado, um regalo para o povo ribeirinho que, certamente, o compraria por bom preço.

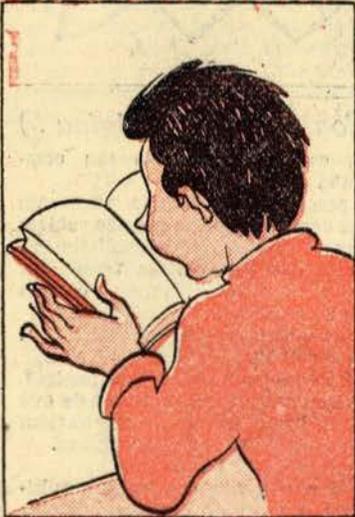
Mas um outro pescador, o Gaudêncio, nessa mesma ocasião, trouxe no seu

(Continua na página 6)



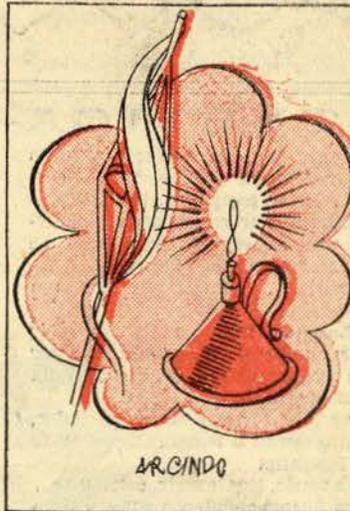
OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



«Qu'rer é poder,» eis o adágio
Que fixareis na memória,
Conceito que é o apa
Dos que alcançam a vit!

De vencer ó lusa gente
Tende vontade . . . porém,
Vontade, mas persist,
Vontade, só para o b . . . !



ARCINDO

O candil ao pé da roca
É sempre arriscado tê-lo,
«Pois do linho a maçar . . .
Pega a arder por um cab . . . !»

E, por isso, na existência,
Ao proceder ao agir,
Tenhamos muita prud,
Olhos postos no porv . . . !



ARUNDO

Se possuis bons sentimentos,
Da gente que te rodear,
As dores, os sofrim
Saberás compartilh . . . !

Porque, em passando alguns dias,
Sofrerá quem ri agora,
«E por isso é bom que r . . .
Com quem ri, não com quem ch . . . !»



O CESTINHO DA COSTURA



Secção para meninas por ABELHA-MESTRA

Maria Amália:

Para te entreteres neste fim de férias, publico, hoje, o desejado «napperon», satisfazendo o teu pedido mais cedo, talvez, do que pensavas.

Vais fazer este bordado sobre linho de côr crua e aplicando as seguintes côres, em *filoselle* de algodão:

Fazes as florinhas da seguinte maneira: a primeira em azul, depois outra em côr de rosa e outra, ainda, em lilaz, aplicando sempre estas côres alternadas até teres a cercadura concluída.

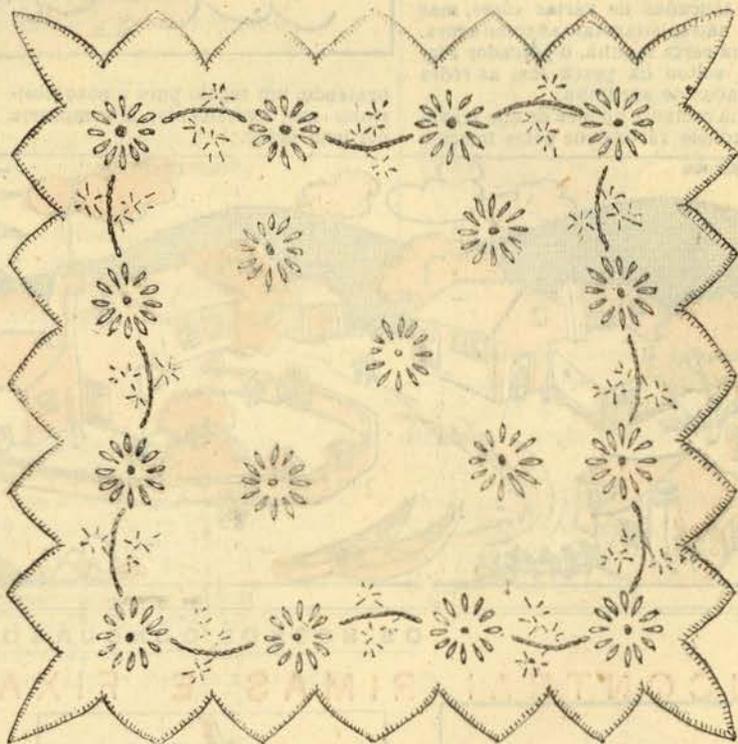
A florinha do meio é lilaz e as outras quatro são, alternadamente, em azul e côr de rosa.

Os raminhos são verdes.

O recorte também é verde ou, então, não ficará mal fazendo-o em qualquer dos tons das florinhas.

F, por hoje, abraça-te a amiguinha

Abelha Mestra



LENDA FANTÁSTICA — (Continuado da página 5)

barco uma data de boas pescadas que, só de olhar para elas, faziam pensar em saborosas caldeiradas.

Vai daí o que succedeu?

Tôda a gente comprou as pescadas que era peixe mais raro e as sardinhas pouco se venderam.

O Florêncio, desconsolado, levou-as para casa.

Ele e a família comeram dúzias e dúzias, até que o peixe começou a criar mau cheiro.

— «Como haviam de se livrar da grande porção que ainda restava?» — pensavam seriamente atrapalhados.

O pescador, por fim, lembrou-se de enterrar no quintalório o resto das sardinhas.

Assim o fez, praguejando contra aquêle precalço que o fizera perder muito dinheiro e, ainda por cima, lhe dava tanto trabalho.

Durante uma semana choveu a potes. O vento bufou, rebufou, como era costume naquêlo tempo em que não havia casarios altos e êle podia espanjar-se, à vontade, por tôda a parte.

Soprava, soprava e trazia nuvens sobre nuvens, a galope, numa correria... E tão zangadas, tão furibundas vinham, por serem assim empurradas por aquêlo brutinho, que se faziam negras de todo!

E chovia... chovia que era um nunca acabar.

O Florêncio nunca mais poudo ir ao mar, que também rugia furioso por ter de receber chuva, êle que de água já estava farto.

E em casa do pobre pescador, enquanto durou o temporal, pastou-se muita fominha.

Mas o vento, finalmente, cansou-se... Deu um último empurrão numa última nuvem e o céu limpou.

O sol apareceu e a sua cara bolachuda reflectiu-se na água lisinha do mar.

Veio bisbilhotar, também, o que se passara no quintalório do Florêncio e ficou assombrado.

Da terra saíam umas flores vermelhas, muito lindas, que êle nunca vira a enfeitar nenhum jardim.

Tanta graça lhes achou que veio

todos os dias ajudar o seu crescimento.

O pescador e a família passaram diante daquêlo prodígio que não sabiam explicar e seguiam interessadíssimos a evolução das belas flores vermelhas. Florêncio notou, então, o seu estranho perfume.

Esse perfume recordou-lhe um outro: o das sardinhas.

Daí, lhe pôs o nome de sardineiras, pois ficou sempre com a tineta de que as sardinhas enterradas é que haviam feito nascer as lindas sardineiras.

Como raridade as vendeu.

Tôda a sua vida continuou a cultivá-las e a viver do dinheiro que elas rendiam.

Nunca mais se importou com os temporais que não o deixavam ir pescar. A chuva benéfica fazia com que na terra do quintal as sardineiras crescessem cada vez mais vigorosas e belas.

Eis aqui a lenda fantástica das sardineiras.

CURIOSIDADES APOLO, NOVO PROFESSOR DE DESENHO

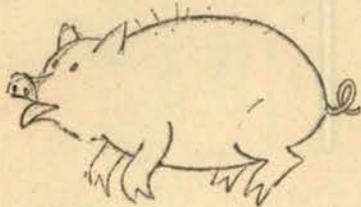


Aldo Manucio, um impressor veneziano, foi o inventor do sistema de pontuação usado nos nossos dias.

Nos antigos manuscritos gregos e latinos não se empregava pontuação e as palavras não eram partidas no fim da linha, como na actualidade.

O escritor grego Eschylo, que escreveu cerca de 70 peças teatrais, e S. Jerónimo que traduziu a Bíblia, não utilizaram, nos seus escritos, pontuação de espécie alguma.

Por este motivo Aldo Manucio é considerado inventor do actual sistema de pontuação.



O Brasil ocupa o 5.º lugar no mundo em importância quanto à criação de suínos. E, em virtude das vantagens naturais que possui pode facilmente rivalizar com os Estados Unidos da América do Norte, onde actualmente existem cerca de 75 milhões de porcos.



Na antiga Pérsia os príncipes da família real tinham quatro mestres: Um era o mais sábio do reino, outro o mais valente, o terceiro o mais justo e o último o mais sóbrio.

A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE

Para construir este brinquedo, devem começar por colar as peças mas com cola forte, grude por exemplo, em cartolina grossa.

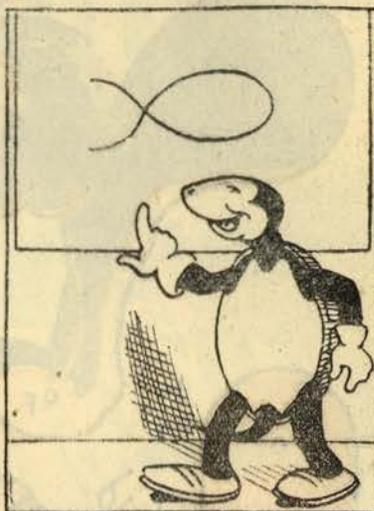
Depois de bem seco, recortem tudo e abram todos os furos e ranhuras que vejam.

Disponham-se, em seguida, a armar a construção, guiando-se pelos esquemas, é claro; vão ligando os furos com os furos das mesmas letras, por meio duns *atches* pequenos.

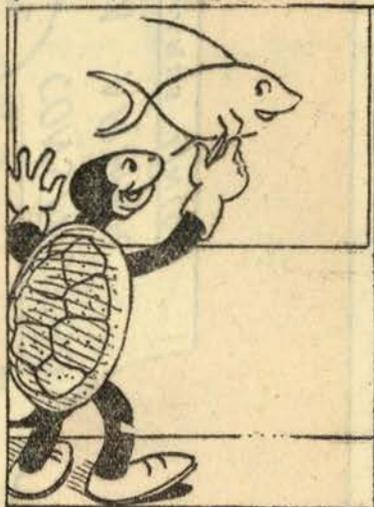
Devem reparar que os furos G e F, do cão e do gato, vão prender-se, através das duas ranhuras, na peça 1. E verão, finalmente, que esta peça fará mover os dois animalejos, numa atitude muito cómica. E agora, amiguinhos, no meio deste barulho todo, quem é que fica muito consolado?

E' o ratinho que, sentindo-se vingado, canta muito contente:

—«Mas que grande escamação!
Sopra o gato, ladra o cão...
Oh Tóto, casca p'ra aí!...
Ih, ih, ih, ih, ih, ih, ih...»



Nesta lição, a primeira, que te dou, meu amiguinho,



ensinarei a maneira de desenhar um peixinho,



sem teres muita canceira, e até sem teres jeitinho.

A D I V I N H A



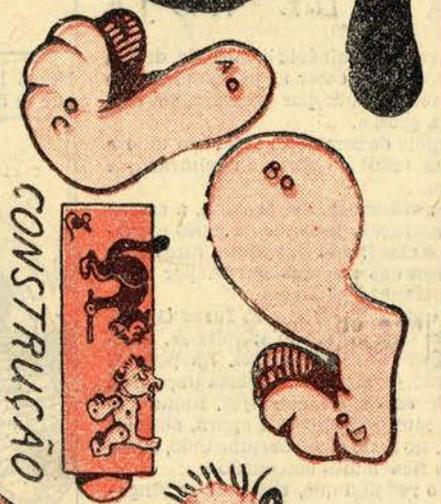
Recebi, há dias, o papel que aqui está e, quando ia para o ler, aconteceu-me o «bonito serviço» que os leitores estão vendo...

Fiquel, como é de calcular, muito aborrecido porque não houve meio de decifrar o que lá está escrito. Serão os leitores mais felizes do que eu?

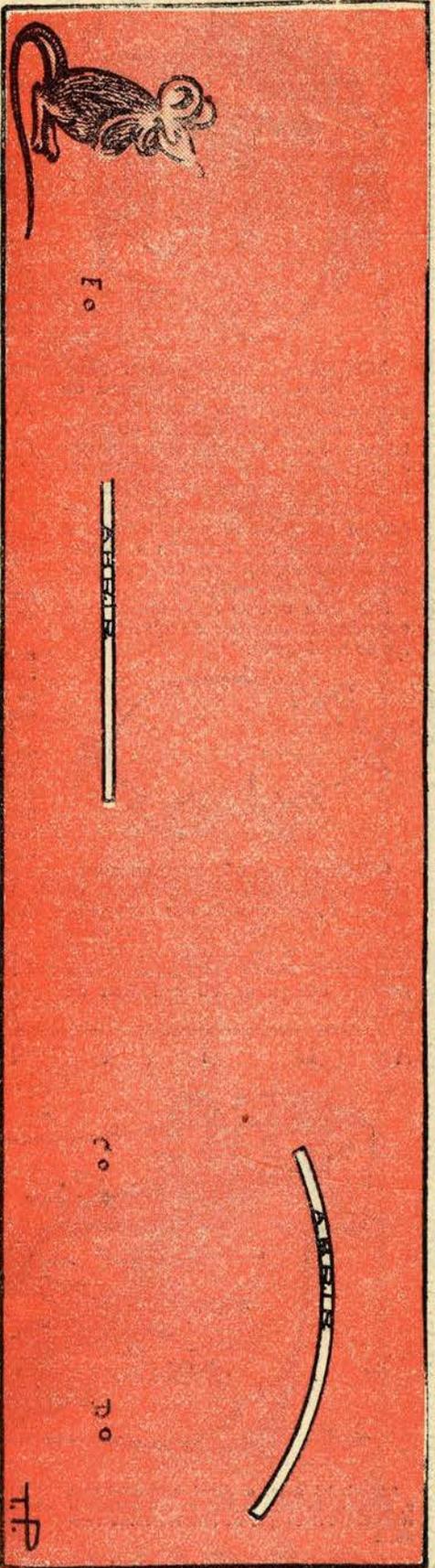
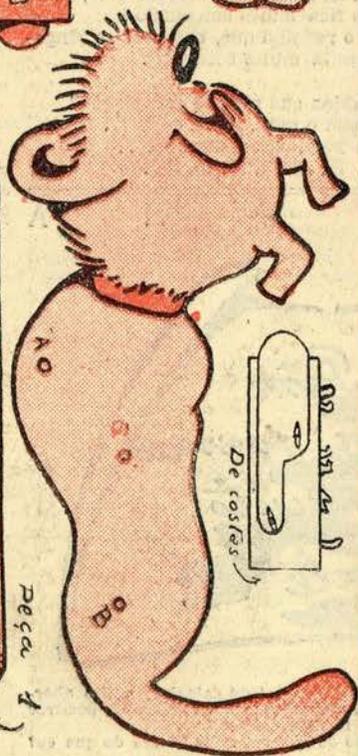
O Pinim um é um jornal infalível muito interessante



DE
PARA ARMAR
TAVARES FINO



CONSTRUÇÃO



FO

AERIAS

CO

DO

T.F.